

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

MARCOS HENRIQUE DIAS MOREIRA

A ORIGEM DO ERRO NA RELAÇÃO ENTRE SUJEITO E CONHECIMENTO EM
RENÉ DESCARTES

ANÁPOLIS – GO
2020

MARCOS HENRIQUE DIAS MOREIRA

A ORIGEM DO ERRO NA RELAÇÃO ENTRE SUJEITO E CONHECIMENTO EM
RENÉ DESCARTES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de licenciado em Filosofia sob a orientação do Prof. Ms. Tobias Dias Goulão e coorientador Prof. Ms. Francisco Sérgio Gomes.

ANÁPOLIS – GO

2020

A ORIGEM DO ERRO NA RELAÇÃO ENTRE SUJEITO E CONHECIMENTO EM RENÉ DESCARTES

THE SOURCE OF THE ERROR IN THE RELATIONSHIP BETWEEN SUBJECT AND KNOWLEDGE IN RENÉ DESCARTES

Marcos Henrique Dias Moreira*

Tobias Dias Goulão**

Francisco Sérgio Gomes***

RESUMO

Este artigo expõe o problema da origem do erro na relação entre sujeito e conhecimento na filosofia de René Descartes. Uma introdução geral deve perpassar a vida do filósofo e apresentar alguns questionamentos sobre a temática do erro. A partir disso, apresento uma análise detalhada sobre o sujeito. Em seguida, o objeto de análise é o conhecimento, pois será examinado cada detalhe sobre esse tópico. Depois, trato, a partir da análise desses dois tópicos já citados, da verdadeira origem do erro, para ter conhecimento da origem de tal problema. Por fim, exponho uma conclusão a respeito de todas as análises realizadas e demonstro a razão pela qual os homens caem no erro em seus juízos.

Palavras-chave: Clareza e distinção. Sujeito. Conhecimento. Erro. Juízos.

* Seminarista do Seminário Maior “Dom José André Coimbra” e graduando em Filosofia na Faculdade Católica de Anápolis. E-mail: marcos2197@hotmail.com.

**Professor orientador. Graduado em História e Filosofia, mestre em História. Atuante no magistério do ensino fundamental ao ensino superior e, professor na função de Vice-Diretor Acadêmico da Faculdade Católica de Anápolis.

*** Professor coorientador. Possui graduação e mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Atua como professor no curso de Filosofia do Seminário Maior “Dom José André Coimbra” em Patos de Minas – MG.

ABSTRACT

This article intends to expose “the problem of the source of the error in the relation between subject and knowledge within the philosophy of René Descartes”. A general introduction must go by the philosopher’s life and show some thematic concerns of the ‘error’. From that, I intend to present a detailed analysis regarding the ‘subject’. Then, the object of the analysis is ‘knowledge’ which will be examined every detail within this topic. Therefore we will deal with, from the analysis of these two topics already mentioned, among the concern of the ‘true’ source of the ‘error’, from which we’ll know about the source of such problem. Finally, I intend to expose a conclusion about all the analysis carried out and demonstrate “why” mankind falls into ‘error’ on its ‘judgments’.

Key words: Clarity and distinction. Subject. Knowledge. Error. Judgments.

1. INTRODUÇÃO

René Descartes nasceu em La Haye, França, no dia 31 de março de 1596¹. Em meio às incertezas e desconfianças do século XVII, o filósofo desenvolveu uma filosofia baseada em pilares sólidos: a racionalidade humana. Em uma época que tudo estava voltado para Deus, o teocentrismo, Descartes revela-se como uma grande inovação, pois realiza uma mudança nunca vista em toda a história ao colocar o ser humano no centro do conhecimento. A partir de agora, o centro do novo saber é o sujeito humano. Dessa maneira, ele também se torna o pai da modernidade, pois essa reviravolta realizada por ele mudou o mundo do saber para sempre.

É essencial um estudo focado na busca da origem do erro, pois no caminho cartesiano, rumo à verdade, não há espaço para falhas, e para isso se faz necessário avaliar dois pilares: o sujeito e o conhecimento. E, a partir disso, ver em qual pilar está a origem dos erros humanos.

Sabe-se que o homem, ser finito, erra, mas por quê? Qual é a causa? A sua origem? Quem é responsável por ele? Estas são questões que no decorrer deste estudo serão discutidas, pois, para compreender cartesianamente estas perguntas é

¹Nota bibliográfica do livro “Discurso do método”, presente na coleção “Os Pensadores” de 1983.

preciso analisar minimamente o sujeito, o eu-pensante, a multiplicidade das ideias, o processo do conhecimento, a existência de Deus e sua importância e por fim, acredita-se desembocar na origem do erro.

Este estudo tem como finalidade compreender, através da filosofia cartesiana, a origem dos erros humanos. Isso porque Descartes elabora um método sistemático que tem como finalidade chegar a um conhecimento sólido, claro e distinto que tem como fim a verdade, isenta de qualquer erro.

Diante do exposto, surgem duas hipóteses: primeiro, é possível que o homem não esteja sendo fiel à clareza e à distinção; segundo, há a possibilidade de o homem não estar usando suas faculdades cognitivas corretamente e assim precipitando em juízos errôneos.

A partir dessas hipóteses, será visto a questão do sujeito para melhor compreender a questão do erro.

2. O SUJEITO

René Descartes sempre teve uma vida dedicada aos estudos, e enquanto estudava tinha uma grande expectativa de alcançar a verdade. Mas quando se formou viu que ainda estava muito longe de alcançá-la, por isso ele começou a viajar por vários países, buscando aprofundar no conhecimento e assim chegar à verdade concreta, clara e distinta. Após ter feito muitas viagens, ele percebeu que ainda estava longe da verdade, mas que estas viagens haviam ajudado no descarte de conhecimentos somente adquiridos através de exemplos, costumes e opiniões.

Então Descartes decidiu utilizar um método usado pelos céticos, mas agora com outra utilidade, chegar a uma verdade indubitável através da dúvida. E assim o filósofo começou a pesquisar algum atributo que lhe pertence, independentemente de tudo. Na segunda meditação de sua obra "Meditações", Descartes (1983, p. 93-94) diz: "[...] verifico aqui que o pensamento é um atributo que me pertence; só ele não pode ser separado de mim." Diante disso, ele percebe que nada mais é do que uma coisa pensante, *res cogitans*, que existe porque pensa, e até mesmo a dúvida que tudo corrói não poderia abalar essa máxima. Descartes chegou a um ponto

firme, que nada pode abalar ou pôr em discussão, pois sabe profundamente que o homem é uma realidade pensante. Deste modo, ele conquista uma certeza inabalável, pois relativiza a própria existência.

Sem dúvidas, esta máxima de Descartes foi o grande triunfo de sua filosofia, a grande descoberta que mudou todo o sistema da época e também a maneira de ver o mundo. E é justamente isso que vai ser aprofundado agora, o que é o “cogito”, e se nele há a possibilidade de estar a origem dos erros humanos.

Com a descoberta do eu pensante surge a famosa frase de Descartes em língua latina: “*Cogito, ergo sum*”, ou seja, penso, logo existo. Tal proposição não é um raciocínio, mas sim uma intuição pura. Através dessa intuição percebo a minha existência enquanto ser pensante.

Contudo, surge uma nova dúvida sobre esta proposição: e se Deus estiver me enganando? E se houver um Gênio Maligno que esteja me enganando a todo o momento? Sobre isso Descartes concluiu que até mesmo para ser enganado é preciso existir. Deste modo, a proposição “eu penso, logo existo é absolutamente verdadeira, porque até a dúvida, mesmo a mais extremada e radicalizada, a confirma.” (REALE, 2004, p. 292).

Como agora o pensamento está no centro da filosofia cartesiana, é preciso compreender o que Descartes entende por pensamento. Na sua obra, “*Objeções e Respostas*”, ele define o pensamento como tudo quanto está de tal modo em nós, também todas as operações da vontade, da imaginação e do entendimento. Ele também faz uma observação importante: segundo ele o movimento voluntário tem a vontade como princípio, mas ele próprio não é um pensamento, ou seja, o movimento voluntário depende do pensamento, mas este próprio não é um pensamento. Assim, existimos por causa dos pensamentos. Estamos diante de uma máxima totalmente clara e distinta. Portanto, tudo que eu concebo muito claro e distintamente, da mesma forma que eu concebo a mim mesmo enquanto ser pensante é sempre verdadeiro.

Novamente vem à tona a questão do Gênio Maligno e enganador, pois mesmo sem poder nos enganar sobre a nossa existência, ele pode impedir-nos de conferir realidade plena ao que está representado nas ideias claras e distintas. Sendo assim, a clareza e distinção ficam comprometidas por causa da existência desse Deus Enganador. Mas iremos nos aprofundar sobre esta questão mais à frente. Ainda dentro da questão das ideias claras e distintas, há a multiplicidade das

ideias e é indispensável saber que, para Descartes, ideias são atos mentais dos quais se tem percepção imediata, ou seja, propriamente as imagens das coisas. Para o filósofo, o nosso espírito possui três tipos de ideias: Inatas, adventícias e fictícias, que se diferenciam segundo sua origem e qualidades.

As ideias inatas são aquelas que se encontram no próprio sujeito desde o nascimento, e por isso essas ideias não poderiam vir de nossa experiência sensorial, pois não há objetos sensoriais ou objetivos para elas; também não poderiam vir das fantasias, pois não tivemos experiência sensorial para compô-las. Segundo Descartes, estas ideias são como “a assinatura do Criador” impressa no espírito das criaturas racionais. Juntamente com essa assinatura, está a razão, que é a luz natural que permite conhecer a verdade. As ideias inatas são sempre verdadeiras, pois elas foram colocadas em nosso espírito por Deus. Também são as mais simples, no sentido de não serem compostas de outras ideias, e por isso são conhecidas por intuição e são elas o ponto de partida da indução e da dedução racional, que conhecem as ideias mais complexas. É importante saber que através das ideias inatas, podemos julgar quando uma ideia adventícia é verdadeira e adquirir o conhecimento que as ideias fictícias são sempre falsas.

Já as ideias adventícias são aquelas que têm origem de fora, que nascem por meio de informações obtidas pelas nossas sensações, percepções, lembranças, enfim, pelos sentidos. São ideias geralmente falsas ou enganosas, ou seja, elas não satisfazem a realidade das próprias coisas.

Por fim, as ideias fictícias são aquelas que são fruto da nossa imaginação, por isso, nunca são confiáveis e verdadeiras, pois não correspondem a nada que exista realmente. Para exemplificar esses três tipos de ideias, veja o relato de Descartes (1983, p. 101-102), nas suas meditações:

Dentre essas ideias, umas me parecem ter nascido comigo, outras ser estranhas e vir de fora, e as outras ser feitas e inventadas por mim mesmo. Pois, que eu tenha a faculdade de conceber o que é aquilo que geralmente se chama uma coisa ou uma verdade, ou um pensamento, parece-me que não o obtenho em outra parte senão em minha própria natureza; mas se ouço agora algum ruído, se vejo o sol, se sinto calor, até o presente julguei que estes sentimentos procediam de algumas coisas que existem fora de mim; e enfim parece-me que as sereias, os hipogrifos e todas as outras quimeras semelhantes são ficções e invenções de meu espírito. Mas também talvez eu possa persuadir-me de que todas essas ideias são do gênero das que eu chamo de estranhas e que vêm de fora ou que nasceram todas comigo ou, ainda, que foram todas feitas por mim, pois ainda não lhes descobri claramente a verdadeira origem.

Diante do exposto, pode-se observar que a origem dos erros tem uma grande ligação com o ser pensante, pois não basta ser um ser racional se não se sabe fazer juízos claros e distintos. Também há o risco de colocar demasiada confiança nas ideias adventícias e fictícias que conseqüentemente nos levam ao erro. Portanto, no sujeito há uma grande possibilidade de estar a origem dos erros. No próximo tópico, analisarei se o conhecimento também tem alguma ligação com a causa dos erros.

3. O CONHECIMENTO

Como se viu anteriormente, os erros estão intimamente ligados à questão do sujeito. O filósofo René Descartes depois de incansavelmente estudar e assim terminar seus estudos regulares em 1616², chega à seguinte conclusão, que posteriormente ele relata em sua obra “Discurso do Método”:

Mas, logo que terminei todo esse curso de estudos, ao cabo do qual se costuma ser recebido na classe dos doutos, mudei inteiramente de opinião. Pois me achava enleado em tantas dúvidas e erros, que me parecia não haver obtido outro proveito, procurando instruir-me, senão o de ter descoberto cada vez mais a minha ignorância. (DESCARTES, 1983, p. 30)

O filósofo percebe que o conhecimento adquirido não passava de um conhecimento comum, e mais, todos tinham e a grande maioria se sentia contente com ele.

A vida de Descartes foi marcada por um constante desejo de conhecer a verdade, demonstrando que sempre foi uma pessoa totalmente apaixonada pela busca da verdade.

O que mais descontentou Descartes foi o próprio ensino que ele recebeu, pois naquela época a cultura antiga era extremamente valorizada e também certo dogmatismo. Por essa causa o saber era controlado e só se ensinava aquilo que era permitido, deixando assim de lado a independência da razão. Depois que percebeu

²Segundo LEOPOLDO. *Descartes a metafísica da modernidade*, 1996, p. 14.

isso, Descartes viu que nunca chegaria à verdade, pois esta estava sendo encoberta e manipulada pelos mais sábios.

Por volta de 1618, Descartes resolve procurar outro tipo de saber. Então começa estudar a si mesmo e no “livro do mundo”, ou seja, vai observar e avaliar os costumes e as coisas que se apresentassem, a fim de tirar algum proveito, alguma experiência que servisse para o conhecimento. Mesmo assim, Descartes não encontrou nada que lhe desse segurança, também observou que quanto mais viajava e observava os costumes dos outros homens, com mais diversidades de costumes se deparava, além disso, reparou que não tinha adiantado quase nada o seu estudo no “livro do mundo”, pois antes de sair também existiam diversificadas opiniões onde estava. Veja o que ele diz sobre isso na primeira parte de sua obra “Discurso do Método”:

De modo que o maior proveito que daí tirei foi que, vendo uma porção de coisas que, embora nos pareçam muito extravagantes e ridículas, não deixam de ser comumente acolhidas e aprovadas por outros grandes povos, aprendi a não crer demasiado firmemente em nada do que me fora inculcado só pelo exemplo e pelo costume; e assim, pouco a pouco, livre-me de muitos erros que podem ofuscar a nossa luz natural e nos tornar menos capazes de ouvir a razão. (DESCARTES, 1983, p. 33)

Depois de observar o resultado de suas viagens pelo mundo, ele resolveu estudar a fundo a si próprio e viu que isso dava muito mais resultado, pois dentro de si existia muita coisa a ser descoberto. Descartes percebeu que diante das mudanças de pensamentos e novos desenvolvimentos científicos da época, se fazia necessário um método ordenador e que servisse de instrumento fundacional verdadeiramente eficaz.

Segundo o filósofo, quando a casa está desmoronando, isto é, a velha ciência e a velha metafísica, então um novo método mais sólido deve ser utilizado. Assim, Descartes criticou toda a filosofia tradicional. Era urgente uma filosofia que justificasse a confiança na razão. A partir daquele momento, era necessário “[...] uma razão metafisicamente fundada, capaz de se sustentar na busca da verdade, e um método universal e fecundo.” (REALE, 2004, p. 288).

Para Descartes o que importa agora é o fundamento do saber, pois o fundamento é o alicerce que vai sustentar qualquer tipo de conhecimento. Por isso, ele vai dizer que é urgente a necessidade de um método, pois este é o meio mais seguro para se apoiar e se afastar dos erros. Para a melhor elaboração desse novo

método, proposto por Descartes, ele deveria verificar se algo no saber, legado pela tradição, poderia ajudar. Assim sendo, ele se volta para a matemática e a lógica. Então verificou que da matemática seria muito útil a evidência, essa serviria para captar a razão da certeza, para que se possa estendê-la às outras áreas do conhecimento. Quanto à lógica, que naquela época era doutrina na silogística de Aristóteles, para o filósofo não tinha nenhuma utilidade, pois, segundo ele, um mecanismo para expor conhecimentos já encontrados, não ajudaria na busca de novos conhecimentos. Deste modo, a lógica foi considerada por Descartes uma ciência estéril. Em fim, note então em que o novo método se baseou:

Na origem do método estará uma reflexão sobre o que permite que a matemática atinja o alto grau de evidência que a distingue, e isso levará o filósofo a considerar o que a matemática tem de fundamental nos seus procedimentos: a ordem e a medida. (LEOPOLDO, 1996, p.30)

Diante disso, compreende-se o “por quê” a razão triunfa no campo da matemática, simplesmente porque ela faz uso da ordem e da medida, que são essenciais para todo pensamento. É justamente por isso que o novo método deverá ter como base a matemática, para encontrar através dela a causa da certeza, a ordem e a medida. Assim, esse método poderá ser aplicado a todos os objetos que podem ser conhecidos.

Descartes foi um filósofo bastante ousado para a sua época, pois este apresentou um novo modo de pensar, diferente da tradição. A sua obra “Discurso do método” de 1637 foi escrita em língua francesa, contrariando a tradição que dizia que as obras cultas deveriam ser escritas em latim. Isso tudo para que sua obra fosse acessível a todos, pois todo “o espírito humano tem em si os meios de alcançar a verdade, se souber cultivar a sua independência e saber conduzir-se com o método.” (LEOPOLDO, 1996, p. 19).

Deste modo, se desemboca nas quatro regras do método, o meio para que o espírito atinja a verdade. Esta é uma grande novidade no sentido em que todo aquele que seguir fielmente as regras do método estará isento dos erros.

Veja detalhadamente as quatro regras do método, para se chegar a um conhecimento claro e distinto:

A primeira é a evidência.

[...] jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida. (DESCARTES, 1983, p. 37)

É importante saber que a evidência é o princípio metódico. Ela consiste na clareza e distinção, que são sinais da verdade das coisas e que deriva da luz natural que existe em todo homem; mais precisamente, ela é alcançada pela intuição que nasce da luz da razão. A primeira regra também exige de quem está em busca da verdade duas atitudes essenciais. A primeira consiste em não formular juízos a partir de opiniões, preconceitos ou prejulgamentos recebidos; a segunda, em não precipitar, não fazer juízos até que tudo apareça com inteira clareza e total distinção.

A segunda regra é a da análise: “[...] dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las” (DESCARTES, 1983, p.37-38). Esta regra, dentro da filosofia cartesiana, ganha um teor matemático, já que esta divisão proposta segue o modelo das divisões das equações complexas matemáticas.

A terceira regra é a da ordem:

Por ordem em meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não precedem naturalmente uns aos outros. (DESCARTES, 1983, p. 38)

Esta regra mostra a importância da ordem, pois esta permitirá a dedução como forma de ampliar o saber. Assim, cada elemento possui um lugar em um conjunto. Deste modo, o encadeamento é indispensável para o aparecimento da verdade.

A quarta regra consiste na enumeração: “E o último, fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir.” (DESCARTES, 1983, p. 38). Por fim, a quarta regra vai ao sentido inverso ao da análise, fazendo assim uma síntese.

Diante do exposto concluí que embora as quatro regras possuam o mesmo valor, a primeira tem um lugar especial, pois é através de uma representação clara e distinta que a verdade aparece. Pode-se perceber que as quatro regras são simples e que são essenciais para o bom procedimento de qualquer pesquisa rigorosa.

Estas regras constituem o modelo do saber, precisamente porque clareza e distinção são garantia contra possíveis generalizações e equívocos.

É importante lembrar que Descartes não teve a pretensão de impor um método, mas demonstrar um caminho claro, distinto, isento de erros e que se desemboca na verdade. Para Descartes, a verdade deve ser procurada no próprio sujeito. Assim, se os requisitos metódicos forem seguidos rigorosamente, o conhecimento não poderá ser colocado em dúvida. De tal modo, o método tem a função de proporcionar o encontro com a verdade clara e distinta.

Diante do que já se viu, surge uma questão: qual foi o procedimento utilizado por Descartes para chegar a um fundamento sólido e inabalável? O caminho utilizado pelo filósofo é o da dúvida, o mesmo utilizado pelos céticos, mas agora com uma perspectiva diferente. Os céticos diziam que nada poderia ser comprovado, e tudo era duvidoso. Assim eles nada concluíam e permaneciam sempre na dúvida. Em Descartes a dúvida tem a finalidade de levar à verdade, por isso ela é chamada de dúvida metódica. Assim, a dúvida metódica nos leva à certeza e não a um caminho sem saída, como acontecia com os céticos.

Na visão cartesiana, para se ter um conhecimento verdadeiro e isento de erros é preciso colocar em dúvida tudo aquilo que se tem por verdadeiro, pois estes são como campos minados, cheios de incertezas que muitas vezes desembocam nos erros.

De há muito observara que, quanto aos costumes, é necessário às vezes seguir opiniões, que sabemos serem muito incertas, tal como se fossem indubitáveis, [...] mas, por desejar então ocupar-me somente com a pesquisa da verdade, pensei que era necessário agir exatamente ao contrário, e rejeitar como absolutamente falso tudo aquilo em que pudesse imaginar a menor dúvida, a fim de ver se, após isso, não restaria algo em meu crédito, que fosse inteiramente indubitável. (DESCARTES, 1983, p. 46)

Assim, a dúvida nos leva a um fundamento mais claro da verdade, portanto quanto mais intensa for a dúvida, mais firme será a certeza, e assim não se correrá o risco de cair em algum erro. Utilizando a dúvida metódica, Descartes duvidou também dos sentidos, porque na maioria das vezes, estes são enganosos e chegam a ofuscar a verdade, levando assim os homens a equivocarem nos seus juízos e, deste modo, errarem.

Descartes duvida de absolutamente tudo, até mesmo do que nos acontece em estado de sono e vigília.

E, detendo-me neste pensamento, vejo tão manifestadamente que não há quaisquer indícios concludentes, nem marcas assaz certas por onde se possa distinguir nitidamente a vigília do sono, que me sinto inteiramente pasmo [...] (DESCARTES, 1983, p.86)

Assim, tudo que se acredita perceber claramente pode ser apenas um sonho e nem ter alguma relação com a realidade.

Em relação às verdades matemáticas, não há resquícios de dúvida. Sobre isso, Descartes (1983, p. 87), comenta: “Pois, quer eu esteja acordado, quer esteja dormindo, dois mais três formarão sempre o número cinco e o quadrado nunca terá mais do que quatro lados.”.

Por fim, o pai do racionalismo chegou a duvidar de Deus, pois poderia haver um Gênio Maligno e enganador, como já foi trabalhado na primeira parte: o sujeito. Desse modo, ele chega ao que chamamos de dúvida hiperbólica, ou seja, ele chegou ao ponto máximo da dúvida, e esse ponto desembocou na descoberta do pensamento. Assim sendo, “[...] eu mesmo, enquanto pensamento, me afirmo como tal no exercício da dúvida.” (LEOPOLDO, 1996, p. 52). E como já foi visto, para duvidar é preciso pensar e para pensar é preciso existir, portanto, penso, logo existo. E isso nem o maior cético pode negá-la, nem a dúvida mais corrosiva pode atingir essa máxima.

Como se acabou de ver, Descartes chega à primeira máxima que não perece no campo da dúvida. Note agora mais um porto seguro, em meio à dúvida hiperbólica, que é a questão de Deus dentro do sistema cartesiano. O filósofo começou a meditar sobre como o homem, um ser pensante e finito, possui a ideia de infinito. De onde provém tal ideia? Portanto, volta à questão das ideias inatas, aquelas que nos parece termos nascido com elas, e que só podem ter sido impressas em mim por um ser infinito e perfeito, a quem chamamos de Deus. Para não restar dúvidas e termos uma ideia clara e distinta sobre Deus, irei expor adiante as três provas que demonstram a sua existência.

A primeira acabou-se de ver: o eu, um ser pensante finito e imperfeito, tenho impresso em mim a ideia de infinito e perfeito. “[...] pelo próprio fato de ser eu uma substância, eu não teria, todavia, a ideia de uma substância infinita, eu que sou um ser finito, se ela não tivesse sido colocada em mim por alguma substância que fosse verdadeiramente infinita.” (DESCARTES, 1983, p. 107-108).

A segunda prova consiste no fato de que eu não posso dar a mim mesmo a minha existência, pois se pudesse ser o autor do meu ser eu não seria um ser finito e que duvida. “Ora, se eu fosse independente de todo outro ser, e fosse eu próprio o autor de meu ser, certamente não duvidaria de coisa alguma, não mais conceberia desejos e, enfim, não me faltaria perfeição alguma, [...], assim seria Deus.” (DESCARTES, 1983, p. 109).

E por fim, a terceira prova é o famoso argumento ontológico, a essência da ideia de Perfeito. A existência é uma perfeição e a essência de Deus implica a sua existência, pois a existência faz parte da sua essência.

[...] verifico claramente que a existência não pode ser separada da essência de Deus, tanto quanto da essência de um triângulo retilíneo não pode ser separada a grandeza de seus três ângulos iguais a dois retos ou, da ideia de uma montanha, a ideia de um vale; de sorte que não sinto menos repugnância em conceber um Deus (isto é, um ser soberanamente perfeito) ao qual falte existência (isto é, ao qual falte alguma perfeição), do que em conceber uma montanha que não tenha vale. (DESCARTES, 1983, p. 125)

Para provar a existência de Deus, o filósofo parte das ideias inatas e da existência do ser pensante, pois no homem há uma pluralidade de ideias, como já foi visto, dentre elas a ideia de Deus, que terá um papel muito importante na garantia da verdade, que é o próximo ponto que iremos ver.

Descartes (1983, p. 107) entende Deus como “[...] uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente e pela qual eu próprio e todas as coisas que são (se é verdade que há coisas que existem) foram criadas e produzidas.” Assim sendo, ele derrota a ideia de um Deus Enganador, pois Deus sendo um ser completamente bom, perfeito e verdadeiro não poderia nos enganar; ao contrário, Ele não seria perfeitíssimo.

Agora temos a certeza que Deus é o próprio fundamento da verdade, ou seja, Ele é a garantia de todas as representações claras e distintas. Assim, estas representações estão garantidas em Deus, que é verdade suprema e razão de ser de todas as demais.

Diante de tudo o que foi trabalhado em relação ao conhecimento, pode-se concluir que seguindo a luz da razão e utilizando rigorosamente o método cartesiano não há brechas para o erro. Portanto, a causa do erro não pode estar no conhecimento em si, pois este foi idealizado e testado de maneira que seguindo o método, se conseguisse chegar ao máximo de clareza e distinção.

Mas afinal, onde está a origem dos erros do homem? Esta é a pergunta que será trabalhada no próximo tópico.

4. A VERDADEIRA FONTE DO ERRO

Descartes faz um estudo aprofundado sobre a questão do erro, pois para que sua teoria do conhecimento ficasse completa, era preciso fazer uma reflexão sobre o erro, como e por que ele acontece.

Através do que já foi visto, pode-se considerar parte do problema resolvido. Esta parte é justamente sobre Deus, pois esse não pode ser responsabilizado pelos erros, já que Ele é absolutamente bom, infinito, verdadeiro e garantia de todas as representações claras e distintas.

De forma direta, pode-se afirmar que o erro é uma carência, assim sendo ele está do lado do não ser, posto que Deus é o próprio supremo ser. Observe que o erro, ou essa carência é próprio dos seres finitos, que têm a ausência de conhecimento, ou seja, o caráter finito do homem é visto sobretudo através do que ainda falta saber, para não fazer juízos errôneos.

Portanto, o homem participa do ser quando está na verdade, através da certeza; e também participa do não ser quando ele experimenta o erro. Deste modo, conclui-se que ora o homem está voltado para Deus, verdadeiro e supremo ser, ora está para o não ser, que é o erro.

Agora que já se sabe que os erros não estão em Deus, resta procurar a causa do erro no homem. Na mente humana há uma diversidade de ideias. Por exemplo: árvore, quadrado, carro, cavalo voador e outras milhares. É importante compreender que enquanto ideias não se pode julgá-las como verdadeiras ou falsas, pois elas existem apenas enquanto representações. Deste modo, pode-se dizer que uma representação de um cavalo voador é verdadeira, pois na minha mente ela existe, enquanto ideia. O homem também possui algo que será fundamental na questão da origem do erro, que são os juízos. Estes são afirmações ou negações acerca de alguma coisa. "O ato de afirmar ou negar é um ato da vontade que se exerce em relação às ideias do entendimento. Para que haja juízo é preciso que haja o

exercício da vontade de afirmar ou negar.” (LEOPOLDO, 1996, p. 86). Através deste pensamento conclui-se que em um juízo o que predomina é a vontade, pois é através desta que iremos fazer uma relação entre a representação e aquilo que se vai afirmar ou negar. Aqui também se vê algo fundamental: o entendimento, ou seja, o poder de conceber ideias é limitado, enquanto a vontade que é o poder de afirmar ou negar é ilimitado.

É justamente aqui a causa do erro, quando faço juízos sobre algo que não conheço bem, e de que não tenho uma total clareza e distinção. O erro nasce da pressão indevida da vontade sobre o intelecto, pois este não erra quando afirma ideias claras e distintas, mas aquela que é ilimitada erra, pois elabora juízos também acerca daquilo que não é claro e distinto.

Agora que se entende que o erro procede de juízos que são feitos através da vontade desordenada, acerca do que não é claro e distinto, pode-se fazer um questionamento: esta responsabilidade pode ser aplicada a Deus, já que foi Ele que me dotou dessa vontade, que não está em consonância com o entendimento? A respeito disso, deve-se refletir acerca da finitude e limitação humana, pois o homem não pode ter um poder infinito ou um entendimento ilimitado, pois a finitude é uma característica da criatura, diferentemente do Criador que é um ser perfeitíssimo e ilimitado.

Deste modo, essa responsabilidade não está em Deus e sim no homem, pois muitas vezes não é fiel à clareza e distinção. Por conseguinte, as faculdades do homem funcionam; o problema está na maneira com que ele as usa, ou seja, é no mau uso do livre arbítrio é que se encontra o erro.

Ora se me abstenho de formular meu juízo sobre uma coisa, quando não a concebo com suficiente clareza e distinção, é evidente que o utilizo muito bem e que não estou enganado; mas, se me determino a negá-la ou a assegurá-la, então não me sirvo como devo do meu livre arbítrio; se garanto o que não é verdadeiro é evidente que me engano [...]. (DESCARTES, 1983, p. 120)

Agora que se sabe a origem do erro, cabe a nós usar esse livre arbítrio de modo que se combine o entendimento com a vontade, e assim formular juízos apenas sobre aquilo que se pode conceber claro e distinto, pois o que passar disso está sujeito ao erro.

5. CONCLUSÃO

Perante tudo o que foi exposto e aprofundado, observa-se que o sujeito é responsável pelo seu livre arbítrio e pelo seu bom uso. René Descartes apresenta um sistema metódico à luz da razão e que proporciona um caminho claro e distinto, rumo à verdade e longe de erros. O estudo realizado tem uma grande utilidade, pois descobrindo a origem do erro descobro também como evitá-lo. Assim, os homens poderão caminhar rumo a um conhecimento claro, distinto e seguro.

Portanto, esta limitação da capacidade infinita da vontade é normal para uma criatura finita e racional, mas nem por isso posso me acomodar nela. É preciso utilizar o método à luz da razão, e assim fazer juízos verdadeiros daquilo que podemos fazer.

O homem, muitas vezes, cai no erro por confiar em seus conhecimentos fracos e ofuscados. Assim demonstra que, em grande parte de seus juízos, ele não é fiel à clareza e à distinção, tão necessárias para se chegar à verdade.

É interessante refletir que o homem tem capacidade para discernir entre a verdade e o erro, mas por não usar as suas faculdades cognitivas corretamente à luz da razão, ele se deixa levar pelas emoções e vontades que, em grande parte, levam ao erro.

Para se chegar ao conhecimento da verdade e não mais errar, é essencial que não se façam juízos precipitados, que decorram da vontade desordenada. Depois desse estudo sobre o sujeito, o conhecimento, as causas, implicações e o que nos leva ao erro, concluímos que na relação entre sujeito e conhecimento, o erro tem a sua origem no sujeito, ou seja, o erro provém dele, que se deixa levar pelas vontades desordenadas, fazendo assim falsos juízos. E por isso, deve sempre estar atento a si mesmo, para que não se deixe levar por suas vontades e se precipite em juízos errados e ofuscados.

REFERÊNCIAS

GUENANCIA, Pierre. **Descartes**. Tradução de: Lucy Magalhaes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 25 – 71. (Coleção Os Pensadores)

_____. **Meditações**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 73 – 142. (Coleção Os Pensadores)

_____. **Objções e Respostas**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 143 – 211. (Coleção Os Pensadores)

LEOPOLDO, Silva Franklin. **Descartes e a metafísica da modernidade**. 4 ed. São Paulo: Moderna, 1986. p.151

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2004. 3 v. Tradução de: Ivo Storniolo.